

GRAMSCI E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES: Reverendo a teoria Gramscista para melhor enten- der a proposta Curricular do curso de Pedagogia da UFC (*)

Maria Estrêla Araújo Fernandes

“Não há prática pedagógica revolucionária sem uma
teoria pedagógica revolucionária”.

(PISTRAK, 1978)

A questão da formação de educadores apresenta-se como funda-
mental na análise da problemática educacional brasileira. Há várias
tendências que tentam, ora centralizar ou reduzir toda a análise da
nossa educação nesta questão, partindo de uma visão puramente
técnico-metodológica. Essas tendências partem de um paradigma po-
sitivista e naturalista que tenta transformar a investigação do social
pelo mesmo critério das ciências naturais e que acredita numa lin-
guagem neutra da investigação com eliminação da figura do investi-
gador. Isto dá origem a instrumentos estandarizados, reduzindo a
função da pesquisa na comprovação de teorias ou “modelos pré-esta-
belecidos”. Portanto, além de generalizar, por um lado, a concepção
teórica, esse paradigma, por outro lado, também generaliza o contexto
social.

* Versão ampliada de parte da Dissertação de Mestrado da Prof.^a
Maria Estrêla Araújo Fernandes, intitulada: “Recuperando a his-
tória pedagógico-social do Curso de Pedagogia da UFC: Competência
técnica e/ou compromisso político” — março/1990.

Neste movimento dialético percebe-se que o homem se relaciona com o todo das relações sociais de um determinado modo de produção.

“O indivíduo definitivamente não pode ser visto como algo em si, mas sim como uma interação-ação-reflexão de sua prática político-social”. (1-DAMASCENO, s.d. p. 3).

Isto significa que não se pode considerar um indivíduo de forma isolada, mas como membro de uma classe social determinada.

A concepção de homem, para Gramsci, está dentro de uma perspectiva histórica. É uma categoria histórica concreta, pois analisa a história, o movimento das relações entre os homens. O mesmo ele faz com as instituições — a história das instituições. Elas têm diferentes pesos de acordo com os diferentes tempos, interesses e momentos políticos.

Na concepção materialista, o homem se define por aquilo que faz. Ele é o produtor e o produto do seu trabalho. O processo educativo é este moldar-se do homem através da sua história. Portanto, para se compreender o processo educativo, deve-se entender o processo de produção, o trabalho. Essa concepção de construção do homem ao longo da história é bem diferente da concepção do homem acabado, emanada da metafísica especulativa. A existência do homem, para a dialética, não é separada da sua essência, que se faz num processo cheio de contradições e se realiza contraditoriamente. Esse processo de construção — rico de relações — e essencialmente coletivo e possui uma força contrária que o aliena. Ele é, ontologicamente, social, fazendo com que o homem se construa através do mundo do trabalho. O conceito de homem, portanto, não se resume na materialidade das coisas, mas no significado delas provocado pela consciência.

As concepções de homem e de mundo podem ser ampliadas pelo entendimento de bloco histórico.

“O bloco histórico é o conjunto da estrutura e da super estrutura naquilo que estas se mostram como um conjunto complexo, contraditório e discordante e que se reflete no conjunto das relações sociais de produção”. (6-LOMBARDI, 1977. p. 40).

O homem pode ser concebido como um...

“...bloco histórico de elementos puramente subjetivos e individuais e de elementos de massa — objetivos ou ma-

teriais — com os quais está a relação ativa. Transformar o mundo significa transformar a si mesmo”. (4-GRAMSCI, 1978. p. 47).

Ressalto aqui a dialeticidade entre as dimensões objetivas e subjetivas da atividade humana: a produção não material de um determinado grupo social pode levá-lo a ultrapassar as condições de existência contribuindo para a transformação da realidade objetiva.

Entendendo, portanto, bloco histórico como um conjunto complexo, heterogêneo e contraditório da relação de força concreta entre a infra e a super estrutura de uma sociedade, realizada em um determinado momento, concluo que no interior desse bloco histórico se realiza uma certa hegemonia ou pensamento padronizado e coeso de uma determinada classe social. A hegemonia se realiza quando a classe dirigente consegue silenciar o discurso crítico, levando os subalternos a não se autoperceberem como tais, mas a assumirem sua situação de classe como se fosse o produto de uma escolha livre, num processo de interiorização e aceitação coletiva da visão de mundo hegemônica como a única verdadeira. É claro que esta hegemonia se dá em um certo momento, e de acordo com as relações de força concreta que esteja vivendo uma sociedade.

“A classe dominante sempre procurou ocultar a relação entre forças produtivas e relações de produção, entre infra e super estrutura, exercendo a hegemonia política de modo a garantir a coesão pela ação do estado, do aparelho jurídico, da influência da educação ideológica da escola, das crenças religiosas, da cultura das forças sociais hegemônicas e mesmo em contradição antagônica com aquele que detém o poder”. (7-MACCIOCHI, 1976. p. 150).

Podemos então concluir que os pensamentos dominantes são os da classe dominante, pois ela, que detém o poder material dominante da sociedade, também constitui o poder intelectual dominante.

Para melhor entender o pensamento de Gramsci sobre hegemonia torna-se importante ver a distinção que ele faz entre Sociedade Política e Sociedade Civil. A Sociedade Política é representada pela força coercitiva do Estado, enquanto que a Sociedade Civil é a ação hegemônica do Estado e o conjunto de mecanismos contraditórios a essa mesma hegemonia ou ação coercitiva. Gramsci declara:

“Pode-se dizer que o Estado é a sociedade política mais a sociedade civil: uma hegemonia pela coerção”. (7-MACCIOCHI, 1976. p. 132).

Com isto concluímos que o Estado abrange os dois segmentos, ora coercitivamente, ora hegemonicamente ou nas duas funções, simultaneamente. Entretanto, as forças contraditórias da Sociedade Civil atuam como espaço de reação hegemônica. A Política Educacional, por exemplo, age e se manifesta na superestrutura, mas visa à infraestrutura, ou seja, assegurar a reprodução e ampliação do capital e das relações de trabalho e de produção que o sustentam. O Estado apresenta-se como mediador dos interesses da classe dominante e esses interesses se concentram na base da produção da mais — valia — fundamento do sistema econômico de produção capitalista.

Mas, com o reconhecimento de que a Sociedade é um campo dinâmico...

“...é possível negar que a educação seja um mero instrumento da classe dominante. Essa ótica de análise realça o caráter contraditório e dialético da sociedade e da educação, procurando explicar a contribuição das práticas pedagógicas realizadas com a participação da classe trabalhadora para o movimento em busca da hegemonia desta classe que tem lugar na sociedade civil.” (2-DAMASCENO, 1989. pp. 2-3).

O conceito de ideologia formulado por Gramsci como...

“...uma concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas,” (4-GRAMSCI, 1978, p. 16),

tem o significado de cimentar e unificar o bloco social. O autor confere às ideologias uma *validade psicológica*, enquanto “superestrutura necessária a uma determinada estrutura.”

A filosofia da práxis, denominação dada por Gramsci ao marxismo, tem uma concepção de homem mundo clara e localizada no seu tempo. A função dos intelectuais, não os intelectuais de “profissão” mas sim um novo tipo de classe de intelectuais, é de elevação do pensamento popular que comumente está difuso em diversas concepções, para uma concepção de mundo mais real e concreta, unitária, coerente, científica e universal.

O salto que Gramsci dá nessa concepção é que ele considera todo homem um intelectual, mas que a nova classe de intelectuais tem que superar o senso comum e chegar à consciência crítica. O

intelectual é o elo entre a infra-estrutura e a superestrutura, elevando as condições contraditórias do operariado para a sua superação e preparação para o papel de classe dirigente.

A escola concebida não como a reprodução somente da ideologia dominante como acreditam Althusser e Bordier, é um amplo espaço que deve ser compreendido dentro da sua contradição em favor de uma luta que deve ser ganha pela classe trabalhadora. Como diz Maria Nobre Damasceno:

“A escola é um lugar onde a luta de classe se torna mais presente, e se considerarmos o aspecto ideológico que lhe torna essência, notaremos que é lá que o homem se torna homem hábil para tomar posse de sua personalidade e de sua participação histórica”. (1-DAMASCENO, s.d. p. 8).

Assim, Gramsci, na sua concepção de escola, eleva o seu valor e a coloca como campo de conscientização do processo social contraditório, de superação de valores e de mudança da história da civilização.

Tendo em vista esta colocação, podemos inferir sobre a importância do intelectual-professor, que deve ser da classe do novo intelectual e deve estar engajado na elevação política e cultural da classe trabalhadora. Ele deverá trabalhar no sentido de assessorar a classe trabalhadora para ela assumir seu futuro papel de dirigente.

“Esta reflexão evidencia que a construção social da escola do trabalhador (por dentro da escola pública de uma sociedade classista) não constitui tarefa fácil em virtude de que na concretização desta escola torna-se necessário deslocar radicalmente os sujeitos e os propósitos da educação escolar, colocando no centro as classes trabalhadoras e seus interesses”. (ROSERLY, 1987).

“Isto significa, em última instância, que a luta pela escola do trabalhador deve estar intimamente vinculada à luta pela superação da sociedade de classes”. (2-DAMASCENO, 1989. p. 8).

A concepção gramscista de educação emerge da sua concepção de mundo e de homem. O estudo de sua obra permite compreender a contribuição relevante desse autor à educação contemporânea, principalmente por demonstrar que a teoria e a prática educativa são atos humanos eminentemente políticos.

O aspecto considerado mais importante de sua obra é a relação entre a sua concepção de educação e a análise que fez sobre a formação e função dos intelectuais num papel orgânico no seio do bloco histórico.

Para Gramsci, a ação pedagógica é entendida como um conjunto de relações hegemônicas que não podem se limitar à situação escolar.

“Toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica”. (4-GRAMSCI, 1978. p. 37).

Embora concebendo a educação como sendo realizada na sociedade como um todo, o autor destaca dois grandes elementos sociais básicos mais diretamente responsáveis pela ação educativa: o partido político e a escola. O papel do partido é o de formação do intelectual orgânico da classe trabalhadora.

“Um partido poderá ter uma maior ou menor composição de grau mais alto ou dos mais baixos, mas não é isto que importa: importa, sim, a função que é diretiva e organizada, isto é, educativa e intelectual”. (4-GRAMSCI, 1978. p. 15).

O partido político representa a unificação entre a teoria e a prática, entendendo como processo histórico real.

Neste trabalho, me deterei mais na função educativa da escola. A educação expressa um projeto político cuja meta fundamental consiste em elevar a formação das massas ao nível de senso comum ao da consciência crítica ou filosófica. Como nos explica Saviani, isto significa...

“...passar de uma concepção fragmentária, incoerente, desarticulada, implícita, degradada, mecânica, passiva e simplista a uma concepção unitária, coerente, articulada, explícita, original, intencional, ativa e cultivada”. (10-SAVIANI, 1980. p. 10).

O senso comum é um modo de “pensar” o mundo com base numa concepção de mundo imposta mecanicamente pelo ambiente exterior, pela aparência e por outro grupo social. O saber que resulta disto é confuso, eclético nas informações, de contribuições variadas, às vezes incoerentes. As noções são provenientes de períodos históricos variados e de princípios científicos superados, tudo sem passar

pelo crivo da crítica, daí seu caráter fragmentário. Como consequência, há uma ausência de uma consciência coerente e crítica que fundamente a ação humana.

“O senso comum afirma a objetividade do real, a partir de uma concepção mitológica do mundo”. (1-DAMASCENO, s.d. p. 11).

A consciência filosófica ou crítica caracteriza-se pelo posicionamento do homem como sujeito da história. A importância da ação educativa, concretizada através de um novo tipo de intelectual, o professor, consiste em trabalhar o senso comum, elevando-o ao nível da consciência crítica.

Como para Gramsci todo homem é intelectual desde que todo homem independente da profissão, é um pensador, nem todos, porém, desempenham a função de intelectual. Com isto ele democratiza a visão de homem. Criar uma nova camada de intelectuais...

“...consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um, em determinado grau de desenvolvimento”. (4-GRAMSCI, 1978. p. 8).

Está claro, então, que a teoria gramscista apresenta como caminho para a elaboração da nova concepção de mundo: 1) que essa concepção seja suscetível de se tornar hegemônica, isto é, superar a concepção dominante; 2) deve trabalhar o senso comum, partindo dos conceitos de massa; 3) deve dispor de instrumentos lógico-metodológicos, optando pela lógica dialética que inclui em si, a lógica formal.

Podemos então dizer que a passagem do estágio do senso comum para o de consciência crítica constitui a formação da consciência de classe (passagem da situação de classe *em si*, para a de classe *para si*). Esta é a condição básica para a libertação das camadas populares e que a educação, quando colocada nesta posição, torna-se um instrumento político e revolucionário. Entendendo a pedagogia como uma forma teórica sobre uma atividade social específica, que pode tomar propostas filosóficas e políticas, a atividade pedagógica tem que fazer a relação homem-sociedade. Nesse sentido a pedagogia como orientação do saber, é necessária à sociedade.

Vimos que a análise que Gramsci faz em relação ao professor está apoiada na sua teoria sobre os intelectuais. Ele os considera uma categoria fundamental que atua num setor importante da sociedade — a escola. Para ele ser o novo intelectual *tem que ser educado*,

isto é, tem que ser formado numa visão de intelectual orgânico das camadas populares, consciente da sua função diretiva na sociedade, sendo capaz de trabalhar o senso comum na perspectiva da consciência crítica do educando e do grupo social a que pertence. Isto significa que todo educador deve trabalhar a consciência crítica coletiva dos educandos (consciência de classe social).

Essas concepções evidenciam que o ato docente é essencialmente um ato político e que a função do professor não se configura como uma ação neutra ou não — diretiva. Daí a crítica ao espontaneísmo educacional, tão defendido pelo não-diretívismo rogeriano. Cabe ao educador conferir um rigor lógico ao saber popular, tão necessário à superação de uma cultura fragmentária, incoerente e mecanicamente imposta.

O professor, como intelectual orgânico, deve ser consciente da importância histórica e social de sua tarefa e dos contrastes entre a sua cultura e a do povo. Uma consequência lógica dessa linha de pensamento é a rejeição da hipótese burguesa de que a formação do homem pode ser produzida de modo espontâneo e absolutamente livre. Para Gramsci, a liberdade não é um conceito metafísico, mas um modo de comportar-se com responsabilidade social. Ele afasta portanto, tanto a postura autoritária, puramente disciplinadora do professor, quanto à postura espontaneísta que anula o papel político tanto da educação, quanto do educador.

Os cursos de formação de educadores, nas suas propostas teóricas e na sua ação prática, apresentam o perfil do educador que pretendem formar. A minha pretensão, com este trabalho, é fazer um paralelo entre “esse perfil” e a concepção gramscista de intelectual orgânico aqui explicitada. É importante ter em mente que a formação desse educador é uma conquista lenta, penosa e fatigante. É como o próprio Gramsci declara:

“É necessário que o mesmo se fadigue de aprender e que se obrigue a privações e limitações de movimento físico, isto é, que se submeta a um tirocínio psico-físico”. (GRAMSCI, 1979. p. 139).

Concluindo, podemos dizer que Gramsci deu uma enorme contribuição ao desenvolvimento da teoria marxista quando analisa o vínculo entre estrutura e superestrutura, e quando põe em evidência a importância do homem-coletivo como sujeito da história e o agente transformador do mundo social. A função dos intelectuais deriva das relações entre estrutura (econômica) e superestrutura (ideológica).

A análise do conceito de hegemonia e os papéis da Sociedade Política e Civil fez-nos compreender como se processa a luta hegemônica da classe trabalhadora. Nessa luta, o novo intelectual, organicamente ligado à classe trabalhadora, é um instrumento revolucionário fundamental.

Profundamente relacionada à análise dos intelectuais, a educação é definida como um projeto eminentemente político, cuja meta fundamental é a elevação das massas do nível do senso comum ao de consciência crítica. Isto assegura a consciência de classe dos dominados, a fim de que eles assumam a função de dirigente. A relação educador-educando é, portanto, essencialmente política, assim como a relação educação-trabalho é uma relação com a essência do homem e não uma mera instrumentalização didática. Enfim, o sujeito da relação educacional é o trabalhador na sua concepção de coletivo. A função da escola nesta ótica, não é compreendida a partir das coisas que a compõem, mas principalmente pelas relações que ela estabelece com a sociedade. A melhor forma de resolver seus problemas é fazê-la sair de si mesma e procurar a explicação dos mesmos na sociedade.

A formação do novo educador, do intelectual orgânico da classe trabalhadora, é um dos meios de viabilizar o projeto da educação que une saber e poder, num projeto de participação histórica. A noção de que “o novo intelectual tem que ser educado” é fundamental como justificativa da escolha desse referencial para análise de um curso de formação de educadores.

Outro meio de conseguir esse ideal de educação desejado é a Escola Unitária (denominação de Gramsci) que une teoria e prática e onde são trabalhados os conteúdos na perspectiva da formação crítica.

É fundamental não esquecer que a separação teoria-prática foi sendo gestada historicamente, passo a passo, com a divisão social do trabalho, consolidando-se na época moderna com a solidificação da formação social capitalista. As maiores dificuldades da articulação teoria-prática estão radicadas na divisão do trabalho intelectual e do trabalho manual. É através da concepção dialética que a superação da desarticulação teoria-prática se verifica. Ela é repensada numa nova perspectiva de unidade, autonomia e interdependência.

“É a divisão social do trabalho que torna possível a existência de pessoas que se dedicam a pensar e produzir o conhecimento enquanto outras executam o que foi concebido pelas primeiras. Ainda que a divisão entre trabalho

manual e trabalho intelectual tenha antecedido historicamente o modo de produção capitalista, é neste último que ela atinge seu ponto mais avançado, quando a própria atividade intelectual é posta a serviço da acumulação e reprodução do capital". (8-Guimar de MELLO, 1978, p. 19).

O Curso de Pedagogia da UFC implementou, a partir do 2.º semestre de 1987, uma nova proposta curricular que tem como perfil básico a formação do educador "generalista crítico". Essa proposta se fundamenta nos conceitos pedagógicos trabalhados por Gramsci, que são explicitados de maneira clara na própria fundamentação contida no documento e nos objetivos estabelecidos pelo curso.

Para efeito de estudo comparativo, podemos identificar partes comuns entre Gramsci e a Proposta acima citada, tais como:

Em primeiro lugar existe uma opção explícita do currículo pela Educação Popular voltada para os interesses da maioria da população, no sentido de proporcionar à classe trabalhadora condições de acesso ao saber como estratégia política. Identificamos estes aspectos principalmente, em duas citações:

"Esta decisão apóia-se na compreensão da escola enquanto instituição social encarregada da socialização do saber produzido pela humanidade e na luta da população visando universalizar uma escola de qualidade para todos" (3. Fundamentos da Proposta Curricular, fl. 1)
"Estas considerações permitem apontar o tipo de pedagogo que se pretende formar. Este deve ser antes *de tudo um educador* que compreenda a sociedade e a educação brasileiras, sobretudo a escola pública, enquanto realidade concreta inserida num contexto histórico e social específico. E ainda um educador capaz de participar efetivamente do processo de criação de uma escola brasileira democrática que responda aos interesses da maioria da população" (3. Fundamentos da Proposta Curricular, fl. 2)

Acrescentamos, ainda, que o 3.º objetivo do curso torna ainda mais claro este aspecto:

"Para atingir este objetivo, pretende-se:

1.
2.

3. Participar efetivamente do processo de criação de uma escola democrática que atenda aos interesses da maioria da população nordestina e brasileira" (3, Proposta Curricular, fl. 5)

Lembramos que Gramsci sugere a construção social da escola do trabalhador (por dentro da escola pública de uma sociedade classista) e evidencia o papel do novo intelectual como assessor na elevação política e cultural da classe trabalhadora para ela assumir seu futuro papel de dirigente.

Como segundo ponto, podemos destacar a idéia da formação globalista do educador com visão totalizadora da realidade educacional e social superando a formação especialista e a fragmentação do saber. Nesta perspectiva cita o documento:

... " . . . esta proposta busca caminhos para concretizar uma abordagem globalizante e crítica do fenômeno e da prática educativa na sua dimensão individual e social". (3, Proposta Curricular, fl. 1)

— "Estas considerações, permitem apontar o tipo de pedagogo que se pretende formar. Este deve ser antes de tudo um educador". (3, Proposta Curricular, fl. 2)

A eliminação das habilitações educacionais, implícita na própria fundamentação da proposta, sofreu um processo de discussão mais demorado, sendo somente aprovada pelo Conselho Departamental em reunião realizada no dia 26/6/90. (3 anos depois da implementação do novo currículo). Com esta decisão, a formação do educador generalista crítico que, prioritariamente, deve exercer a função de docência, se fortifica e se concretiza. Para a atuação desse docente foram criadas as seguintes *áreas de aprofundamento*: educação pré-escolar; educação de adultos; o ensino das séries iniciais (1.ª a 4.ª séries); o ensino pedagógico de 2.º Grau; a educação especial e arte e educação.

Retomando a teoria gramscista, ao "novo intelectual" idealizado não cabe uma formação fragmentada. A idéia da função política do educador pressupõe um entendimento globalizante da realidade — única forma de conhecê-la em sua essência e de interferir na sua transformação.

Destacamos como terceiro ponto do Currículo, decorrente dos aspectos analisados anteriormente, a formação de um educador com *segurança teórica-metodológica e com competência técnico-política* capaz de realizar uma prática docente comprometida com o projeto político das classes trabalhadoras. Identificamos bem este aspecto nas seguintes citações:

— “Assim, a licenciatura em Pedagogia, como as demais licenciaturas, deve assegurar aos futuros professores uma sólida formação que lhes permita lecionar com competência o que implica a compreensão da educação brasileira, no conhecimento do desenvolvimento e da aprendizagem humanas, no aperfeiçoamento pessoal, no domínio dos conteúdos e das metodologias específicas de sua área de atuação. Essa competência deve expressar o compromisso que todo educador deve ter com a pessoa de cada aluno, com o grupo social sobre o qual incide sua prática educativa e sua responsabilidade social”. (3, Proposta Curricular, fl. 2)

— “Em resumo, (...), advoga-se uma formação que possibilite:

1.º — uma sólida fundamentação teórico-metodológica que permita ao estudante realizar uma leitura crítica das diversas teorias que interpretam a realidade, num esforço de distinguir entre as mesmas aquelas que traduzam de forma mais científica a realidade” (3, Proposta Curricular, p. 4)

Em Gramsci, a Teoria Crítica é o embasamento que mais aproxima a teoria do real da necessidade do “novo intelectual” se apropriar dela com segurança e competência.

Finalmente, o quarto ponto que consideramos o eixo epistemológico de toda a proposta curricular baseia-se na relação dialética de unidade e complementaridade entre teoria e prática. Sobre este aspecto os fundamentos da proposta³ se aprofundam e dedicam a ele vários de seus parágrafos. Destacamos as seguintes idéias:

— ... “Daí que apresentamos um esboço de organização curricular que pensa essa articulação num sentido relacional em que a teoria avança a partir da prática sócio-educativa e esta prática se explicita à base de uma teoria da educação que a gera” (fl. 3)

— ... “É nesta perspectiva que uma instituição universitária deve repensar a formação dos seus profissionais, ou seja, numa postura que reconheça a prática como fonte da teoria mas tenha a clareza de reconhecer a relativa autonomia da teoria no sentido de que esta, tanto pode explicitar, prolongar e aprofundar a prática (e o conhecimento produzido), como pode negá-la em parte.” (fl. 3).

— “Esta proposta tenta superar a visão mecanicista (...). Na nossa concepção as disciplinas são pluridimensionadas em termos teóricos e práticos” (fl. 3)

Destacamos ainda, o 4.º objetivo do curso como uma busca desta articulação:

“4. Integrar na formação do pedagogo, o fazer educativo crítico fundamentado no pensar e numa postura de ser que supere a fragmentação e hierarquização do trabalho pedagógico” (3, Proposta Curricular, fl. 5).

Gramsci é bem claro nessa idéia, quando propõe a Escola Unitária em que teoria e prática se articulam num mesmo momento pedagógico.

Procuramos aqui fazer um exercício intelectual de comparação entre uma teoria que fundamenta uma proposta curricular real. É importante ressaltar, entretanto, que a clareza dessa relação se dá à medida que aprofundamos na teoria e vivenciamos a prática curricular. Isto quer dizer que, em 1987, quando a proposta foi implementada, talvez não tivesse bem claro para nós o que estava por trás de cada parágrafo escrito. Hoje, podemos situar melhor a teoria que a subsidia como também podemos perceber as afirmações da proposta com fragilidade teórica e as que precisam de um posicionamento mais direcionado. Ouso até dizer que, se esta proposta fosse escrita hoje, o texto nela contido seria bem mais explícito. Consciente, porém, estou de que naquele momento histórico foi a proposta mais avançada que o grupo, com suas correlações de força, pode produzir.

Estou certa de que, à medida que aprofundarmos na teoria gramscista, melhores condições teremos de entender, avaliar e melhorar o Curso de Pedagogia tanto em sua proposta teórica como na sua vivência prática.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- DAMASCENO, Maria Nobre. Alguns conceitos básicos para entender Gramsci. Texto mimeografado, Fortaleza, s/d.
- . A relação Trabalho/Educação e a Escola do Trabalhador. Texto mimeografado, Fortaleza, 1989.
- Documento da Proposta Curricular do Curso de Pedagogia da UFC — Fortaleza, Faculdade de Educação, 1987.
- GRAMSCI, Antônio. *A Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1978.
- . *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979.
- LOMBARDI, Franco. *Gramsci. Idéias Pedagógicas*. s/l Editora Pillas, 1977.

- MACCIOCHI, Maria Antonieta. *A Favor de Gramsci*. Rio de Janeiro, Editora Paz e terra, 1976.
- MELLO, Guiomar Namó de. *Magistério de 1.º Grau da Competência Técnica ao compromisso político* 7.ª edição. São Paulo, Cortez Editora, 1978.
- MENEZES, B. E. Diatay. Sobre a neutralidade das Ciências. IN: *Ciências Sociais*. Fortaleza, 9 (1 e 2), 1978.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à Consciência Filosófica*. São Paulo, Editora Cortez e Autores Associados, 1980.